

MINISTÉRIO DA CULTURA

Secretaria do Audiovisual

EDITAL Nº 03, DE 05 DE JULHO DE 2023 | EDITAL: FILME CULTURA EDIÇÃO 65

TEMÁTICA – CINEMA MAIS: O AUDIOVISUAL LGBTQIA+¹

ANEXO I – TEXTO DE REFERÊNCIA

Cultura e diversidade

Após anos não apenas de paralisia, mas de censura, desconstrução e disseminação de informações falsas sobre pessoas LGBTQIA+, em 2023, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva recria o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, uma pasta dedicada a defender os direitos desta e de outras comunidades. No âmbito do Ministério, o Decreto nº 11.471, de 6 de abril de 2023, institui o Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais e Outras, com o intuito de assegurar condições de igualdade, equidade e garantia de direitos fundamentais às pessoas LGBTQIA+.

As políticas públicas voltadas para a comunidade LGBTQIA+ são importantes para combater a discriminação e garantir o pleno exercício dos direitos humanos aos seus membros. Elas são fundamentais para assegurar que todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual, identidade de gênero ou expressão de gênero, tenham os mesmos direitos, oportunidades e proteções perante a lei. Isso ajuda a combater a desigualdade estrutural que muitas vezes afeta a comunidade LGBTQIA+.

Em relação à pasta da Cultura, esta havia sido rebaixada a Secretaria Especial e transitado em Ministérios sem ter um locus de pensamento crítico e de valorização. Juntamente com a reestruturação das pautas dos Direitos Humanos, o Ministério da Cultura (MinC) também é recriado pelo novo governo.

¹ Decidimos utilizar a sigla como apresentada pelo Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais e Outras, instituído pelo Decreto nº 11.471/2023.

Na defesa dos direitos da comunidade LGBTQIA+, a cultura, e em especial o audiovisual, é fundamental para que as pessoas possam se identificar, se sentir representadas e entender que há possibilidades diversas de viver uma vida plena. Se não há representação, apaga-se a história de milhões de pessoas. E se as representações ocorrem, mas reforçam estereótipos limitantes, não se cria oportunidades de construir uma sociedade diversa e rica!

“Pensar a sexualidade e a afetividade implica discutir formas de adesão a projetos coletivos e temas que transitem para o conjunto da sociedade civil, como a tentativa de militantes brasileiros de incluir mais decisivamente o preconceito contra homossexuais no espectro da luta por direitos humanos fundamentais, dentro de uma sociedade mais justa para todos” (LOPES, 2002, p. 29).

Essa demanda reprimida fez surgir, inclusive, uma série de iniciativas pensadas a partir dessa discussão. Produções audiovisuais de diferentes gêneros e formatos ganharam destaque nos diferentes circuitos e janelas de exibição, além de uma série de mostras e festivais temáticos que passaram a integrar o calendário audiovisual brasileiro. Ainda assim, ainda é grande – e urgente – a necessidade de fomentar o debate de pautas referentes à cultura e à diversidade de gênero e de sexualidade em nosso país – assim como muitas outras pautas sociais devastadas pelo último governo.

Revista Filme Cultura

Na esteira das re-criações e retomadas, a Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura (SAv/MinC) resgata a produção da revista Filme Cultura, que havia sido paralisada em 2018, no meio da realização da edição 64, que tratava de Cinemas Negros.

Os ciclos de produção e pausas fazem parte da história da publicação. A revista Filme Cultura foi criada em 1966 e editada até 1988 pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), posteriormente Instituto Nacional de Cinema (INC).

Na primeira fase foram publicadas 48 edições, além de duas revistas especiais feitas para os festivais de Cannes e Berlim. Em 1988, após algumas interrupções temporárias, a revista teve sua atividade suspensa e deixou uma lacuna no segmento das publicações especializadas por quase 20 anos. Em 2007, foi lançada uma edição especial comemorativa dos 70 anos do INCE e dos 22 anos de existência do Centro Técnico Audiovisual (CTAv) – a edição 49 da revista. A publicação foi retomada por um esforço desta unidade técnica da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura e impulsionou o relançamento da revista. Em 2010, a Filme Cultura voltou a circular com a edição nº 50, e foi publicada até a edição 61, no final de 2013. Também foram republicados em versão fac-símile os 48 números antigos em cinco livros de capa dura.

Em 2017, a revista foi retomada mais uma vez, com gestão da SAV/MinC. Com o retorno, apostou-se em um novo modelo, que fosse mais sustentável e que possibilitasse a ampliação das vozes da publicação. Assim, ocorreram algumas mudanças:

- a) a realização de um edital de chamada para textos, nos moldes das chamadas de artigos das revistas acadêmicas, abrindo espaço para quem quiser participar, ampliando as possíveis vozes e democratizando o acesso ao ambiente da pesquisa cinematográfica brasileira;
- b) a opção por trabalhar com uma única temática por edição, o que traz um panorama mais complexo de setores, públicos e interesses relacionados ao audiovisual nacional;
- c) a valorização do portal com todo o acervo da revista, visando ampliar o acesso, sendo possível pesquisar, baixar ou visualizar qualquer edição.

Permaneceu, porém, a preocupação em manter a linha editorial da revista, que mistura jornalismo cultural com uma reflexão mais aprofundada, próxima do tom acadêmico. Com tudo isso, o desejo é que a revista seja compreendida como uma política pública de Estado para o Cinema Brasileiro e que consiga ser sustentável, periódica, acessível e perene.

Em 2023, a realização da edição nº 64 da revista caminha paralelamente com a produção do exemplar seguinte da publicação.

A edição 65 traz a comunidade LGBTQIA+ para o foco, abordando um audiovisual que seja plural e amplo! Das 65 edições publicadas (63 regulares e duas edições especiais de festivais), nenhuma apresenta a questão LGBTQIA+ como principal!

Com o formato de edições temáticas desde 2017, passamos pelo cinema infantil (edição 62), cinema de mulheres (edição 63) e cinema negro (edição 64). Assim, percebe-se a lacuna para tratar de forma **transversal** e **interseccional** a questão das **identidades de gênero, de expressão, de performances e das sexualidades** nesta revista que tem como missão integrar o **pensamento crítico cinematográfico e audiovisual** no Brasil e no mundo.

Cinema Mais

O termo cinema *queer* abrange produções cinematográficas que exploram temas, narrativas e personagens relacionados à comunidade LGBTQIA+, de forma autêntica e diversa, ampliando a representação da diversidade sexual e de gênero nas telas.

"Se nos últimos 10 anos a América Latina, especialmente o Brasil, viu sua cinematografia *kuir/queer/cuir* ser protagonizada por uma multidão *queer* (PRECIADO, 2011), é possível inferir que também houve a construção de uma comunidade de pesquisas que se

propuseram a entender esses fenômenos. Nesse ponto, é preciso considerar que tanto a produção acadêmica quanto a produção audiovisual cuir/kuir/queer se inserem em um espectro mais amplo da consolidação dos estudos de gênero no país e no continente, da profusão de novas ondas ativistas, da complexa visibilidade midiática de sujeitos LGBT e também de alguns avanços e retrocessos no âmbito das políticas institucionais e culturais" (BRANDÃO; MARCONI, 2020).

Sobre o termo *queer*, já muito debatido nas teorias culturais e cinematográficas, Lopes (2002) destaca também, além da tradução brasileira de "bicha", as de estranho e diferente.

O cinema *queer* também pode ser uma forma de ativismo ou artivismo, aumentando a visibilidade e a compreensão das questões LGBTQIA+ na sociedade em geral, friccionando limites sobre o entendimento de questões de gênero e sexualidade, frequentemente vinculadas a uma visão heteronormativa² e cisgênero³.

"Não somente é OK ser diferente, mas é fundamental se posicionar, mostrar na cara da sociedade sempre que possível que aqueles representantes que eles tentaram apagar do mapa estão cada vez mais se unindo, se mobilizando e reivindicando ação." (MURARI, Lucas; NAGIME, Mateus, 2015, p. 14).

O tema "**Cinema Mais**" nasce para a revista Filme Cultura edição 65 como homenagem, respeito e celebração de todas as letras presentes na comunidade LGBTQIA+ hoje e que ainda possam vir a ser incluídas.

"Nomear é sempre um perigo, mas se não nos nomeamos, outros o farão. Dar um nome não significa simplesmente classificar, mas explorar, problematizar" (LOPES, 2002, p. 27).

Uma reverência a corpos que, cotidianamente, ainda são alvo de violência física e simbólica em nosso país. Não esqueçamos que o Brasil, segundo dados consolidados pelo Grupo Gay da Bahia, continuamente aparece como o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo. Corpos que resistem e sobrevivem. E que, a partir de diferentes formas de fabular sobre si, imprimem suas vivências múltiplas nas telas. "Vida, apesar de tudo, dizem-nos as imagens às quais assistimos. Vida, apesar e além da morte como destino" (SANTOS, 2020).

² Heteronormatividade significa que a heterossexualidade é considerada a norma e tudo que diverge disso é perseguido e marginalizado.

³ Cisgeneridade é quando uma pessoa se alinha à estrutura sexual com a qual nasceu. Por exemplo, uma pessoa que nasceu com pênis e que se identifica como homem é um homem cisgênero (ou homem cis). Uma pessoa que nasceu com vulva e vagina e que se identifica como mulher é uma mulher cisgênero (ou mulher cis).

Diante de todos os dados aqui apresentados, destaca-se a relevância de debater, revisar e apresentar possibilidades do cinema queer no Brasil e no mundo. Até porque, "atravessados por esse referencial cisnormativo, que institui gêneros de acordo com determinações genético-biológicas do nascimento – cisgênero –, podemos observar como estamos implicados em um 'cis' tema inclusive no 'cis'nema". (CRUZ, 2022)

Assim, considerando a atribuição da Secretaria do Audiovisual de elaborar políticas públicas com o objetivo de dirimir discrepâncias constatadas no setor, **o presente edital foi desenhado para dar visibilidade e para abrir espaço para o questionamento e a promoção do cinema realizado por pessoas LGBTQIA+ e a representação das mesmas no audiovisual nacional.**

Referências:

AGENCIA BRASIL. Brasil segue como país com maior número de pessoas LGBT+ assassinadas. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2023-01/brasil-segue-como-pais-com-maior-numero-de-pessoas-lgbt-assassinadas>> . Acesso em: 16 maio 2023.

BRANDÃO, Alessandra; MARCONI, Dieison. Cinemas e audiovisualidades queer/kuir/cuir no Brasil e na América Latina. **Rebeca-Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, v. 9, n. 2, p. 13-19, 2020.

CRUZ, Amanda Pereira de. Dá um close! Cinema brasileiro e tecnologias de gênero. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 17, p. 03-13, 2022.

LOPES, Denilson. O homem que amava rapazes e outros ensaios. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MURARI, Lucas; NAGIME, Mateus (Orgs). New Queer Cinema – Cinema, Sexualidade e Política. São Paulo: Caixa Econômica Federal, 2015.

SANTOS, Mateus Araujo dos. O que o cinema quer da gente é coragem: negridade e dissidência sexual & de gênero nas produções da Rosza Filmes. **Rebeca-Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, v. 9, n. 2, p. 158-173, 2020.

STAM, Robert. Introdução à teoria do cinema. São Paulo, SP: Papyrus, 2003.